

Debate sobre o Artigo de Minayo & Sanches

Debate on the Paper by Minayo & Sanches

Fernando Lefèvre

Faculdade de Saúde Pública
Universidade São Paulo

Imaginei reagir ao artigo “Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementariedade” colocando algumas impressões sobre o papel do pesquisador na pesquisa qualitativa e na pesquisa, digamos, ortodoxa.

Neste sentido, diria que, para o segundo tipo de pesquisa, há, em última instância, um único “grande pesquisador”: aquele que, usando uma metáfora do espiritismo, serve de “cavalo” para a Ciência, que fala por seu intermédio.

Portanto, dentro desta perspectiva, cabe a cada pesquisador individual despir-se de toda a sua subjetividade, assumindo o papel de fiel servidor ou porta-voz da Ciência.

Todos (inclusive “eu”) da Universidade aprendemos a repudiar violentamente, no discurso acadêmico, a presença da primeira pessoa do singular, em favor de um “se” impessoal (quando muito de um “nós” majestático). E este “se” é a Ciência que fala em nós e por nós, que, enquanto subjetividade, não existimos.

Na pesquisa qualitativa, ao contrário, os cientistas são plurais, instaurando-se o reinado do pesquisador-sujeito.

Imaginemos, para exemplificar, uma situação muito comum na pesquisa qualitativa que lida com depoimentos: o que fazer com os referidos depoimentos (em geral grandes) que, sob a forma de fitas transcritas, por exemplo, repousam sobre as nossas mesas de pesquisadores?

Um encaminhamento de resposta a esta questão é que, no momento da interpretação deles, são cruciais a formação e as bases teóricas pregressas do pesquisador, sua inteligência, sua experiência (não apenas de pesquisador, mas de vida), seu capital cultural (como diria Bourdieu). Isto porque uma palavra ou frase de um depoimento pode “ressoar” e ser altamente significativa na bagagem e para a bagagem de um pesquisador, mas não querer dizer nada para outro pesquisador. E esta diferença não advem, necessariamente, de um ser mais bem formado em metodologia científica do que outro.

Por este exemplo, fica claro como, diferentemente do que ocorre na pesquisa de corte mais ortodoxo, na pesquisa qualitativa, um pesquisador não apenas pode, mas deve ser diferente de outro, porque não se busca a (única) “verdade” de um depoimento, mas aquela verdade específica, metabolizada pela história de vida do pesquisador.

Assim, duas interpretações distintas de um mesmo depoimento não apenas não são necessariamente conflitantes, mas podem enriquecer, somando-se uma a outra, a interpretação do sentido deste depoimento.

Instaura-se aí, de modo radical, a subjetividade do pesquisador, em benefício de uma ciência entendida como propiciadora e, mesmo, incentivadora da polissemia.

Na pesquisa qualitativa, em função do que foi dito, um pesquisador até bem capacitado em técnicas de coleta e análise de dados discursivos pode estar em posição desvantajosa frente a um pesquisador mais “velho” e menos “bem formado” metodologicamente, porque uma rica história de vida — variável crítica — é, evidentemente, um atributo pessoal e intransferível, e nunca um conteúdo de um processo de treinamento.

Eu arriscaria dizer, à guisa de conclusão, que o pesquisador “qualitativo” pode não ter o mesmo perfil psicológico do pesquisador mais ortodoxo e que a riqueza da pesquisa (ortodoxa ou não) vem mais da soma de perspectivas e de personalidades distintas do que do acúmulo de uma “mesma” ciência, feita por anônimos “servidores”.

Euclides Ayres de Castilho

Centro de Informação Científica e Tecnológica
Fundação Oswaldo Cruz

Recebi a solicitação do editor da revista *Cadernos de Saúde Pública*, no sentido de comentar o artigo de Minayo & Sanches, em um momento muito particular. Sucedeu após ler pareceres de um periódico científico estadunidense sobre um artigo de minha co-autoria, contendo comentários do tipo “*paraphrases n°s*”

2, 5, and 7 should be deleted”, “writing could be tigher”, etc. Dá para imaginar que é desnecessário, diante do impacto gerado pela espécie dos pareceres, enfatizar o aprazimento causado ao saber que a renomada *Cadernos de Saúde Pública* está contemplando distintas maneiras de se divulgar conhecimentos, reflexões e posturas científicas, que não só aquela baconiana, requerida pela quase totalidade dos corpos editoriais contemporâneos, baseada em falsas objetividade e neutralidade, nas quais vejo inseridos os citados pareceres.

Muitos já atentaram, no prédio de uma unidade de pesquisas em Ciências Sociais da Universidade de Chicago, uma placa com os seguintes dizeres do físico Kelvin: “if you cannot measure, your knowledge is meager and unsatisfactory”. Esta assertiva certamente lá não estaria se dependesse do entender de Minayo & Sanches sobre a complementariedade entre o qualitativo e o quantitativo na compreensão da realidade social.

Pergunto, todavia, como e quando se passa a integração na área da Saúde Pública?

Profundamente anelo ver um desdobramento deste pontapé inicial de Minayo & Sanches especificamente dirigido para aquele domínio. Creio que a especificidade da complementariedade seria, então, melhor apreendida se fossem arrolados pelo menos três elementos, a saber: a natureza intelectual e intrínseca das idéias sobre o objeto da Saúde Pública; seu contexto histórico e social; e as peculiaridades das pessoas que deram maiores contribuições para o campo. Foi deste modo que muito acrescentou-me a leitura do livro intitulado *Quantification: a History of the Meaning of Measurements in the Natural and Social Sciences*, editado por Harry Woolf (Indianapolis, 1961, The Bobbs - Merrill Company Inc.).

Clóvis de Araújo Peres
Instituto da Matemática e Estatística
Universidade de São Paulo

Como eles próprios afirmam na conclusão do artigo, os autores pretenderam dar o pontapé inicial num debate que consideram extremamente relevante e indiscutivelmente promissor — a existência de oposição ou complementariedade

entre as abordagens quantitativas nas Ciências Sociais. Desde o início apontam — corretamente, a nosso ver — que, ao menos do ponto de vista metodológico, não há continuidade entre as duas abordagens estudadas.

Por definição, a pesquisa quantitativa e a investigação qualitativa são atividades de natureza distinta, valendo-se ambas de técnicas e procedimentos também diversos. Enquanto a primeira “*atua em níveis da realidade, onde os dados se apresentam aos sentidos*”, a segunda opera com “*valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões*”.

Já do ponto de vista epistemológico, rebatendo a tese de estudiosos que posicionam a abordagem qualitativa abaixo da quantitativa, em uma suposta escala de cientificidade, os autores acentuam que nenhuma delas é mais ou menos “científica” do que a outra. Ambas envolvem sempre uma construção teórica, ainda que, para isso, utilizem pressupostos de análise e disponham de instrumentos de pesquisa bastante diferentes.

Os argumentos arrolados em defesa desta posição são bastante esclarecedores e cumprem a função básica do artigo, chamando a atenção para as particularidades e especificidades de cada abordagem. Destaca-se, neste sentido, particularmente, a referência quanto aos usos e abusos do instrumental de pesquisa atualmente disponível em ambas as abordagens. A aplicação destas ferramentas, sejam elas quantitativas ou qualitativas, não pode ser vista como uma questão meramente técnica e, portanto, de fácil e imediata resolução por especialistas.

Uma única coisa a lamentar: a exclusão — segundo os autores, proposital — de questões específicas da área de saúde no debate ora iniciado. Tanto a experiência dos autores — profissionais de especialização diversa — quanto a origem curricular do debate — os Seminários Avançados de Teses do Curso de Pós-Graduação em Saúde Pública da Ensp — recomendariam a discussão de temas específicos.

Gostaríamos de ver o dilema quantitativo-qualitativo devidamente problematizado pelos autores, tendo por referência questões suscitadas pelos projetos de tese apresentados durante os seminários que motivaram o artigo. Potencialidades e limites de cada abordagem ficariam